

Nós se cliticizou-se?

Marilza de Oliveira (USP – marilza@usp.br)

0. Introdução

O clítico *se* tem dois tipos de comportamento no Português Brasileiro contemporâneo. O primeiro deles diz respeito à sua realização lexical: pode ser suprimido (1), pode ser neutralizado na forma da 3^a. pessoa (2), pode ser inserido (3) e até mesmo “duplicado” (4). O apagamento do *se* parece ser uma característica do falar mineiro, a neutralização é um fenômeno panbrasileiro e a inserção bem como a “duplicação” do *se* é um fenômeno nordestino.

1. Eu ___ conformei com a decisão dele.
2. Eu **se** conformei com a decisão dele.
3. Ele **se** ressuscitou.
4. Ela **se** conformou-**se** com a decisão dele.

O segundo tipo de comportamento é a duplicação com outras formas pronominais, como em (5), fenômeno característico do falar nordestino:

5. Ele **se** aproveitou muito **pra ele**.

Neste trabalho, pretendemos fazer uma descrição um pouco mais detalhada dos fenômenos acima arrolados, tomando como corpus transcrição de fala da Paraíba, de Fortaleza, da fala popular de São Paulo e da zona rural de Taubaté. Em seguida, faremos algumas observações sobre o estatuto dos fenômenos acima elencados.

I. O clítico *se* em algumas variedades da região sudeste do Brasil

Em estudo sobre o uso de verbos pronominais reflexivos e recíprocos e do pronome *se* como índice de indeterminação do sujeito na fala de mineiros e cariocas, d'Albuquerque (1984) observou o fenômeno do desaparecimento parcial do *se* anafórico no dialeto mineiro do município de Manhuaçu em favor do uso da categoria vazia.

Assis (1988) também observou a queda do reflexivo na fala de pessoas da zona rural pertencente à micro-região Sanfranciscana de Januária no alto-médio São Francisco, Minas Gerais. Ressalte-se, porém, que a queda dos reflexivos em Minas Gerais não está associada a classes sociais ou nível de escolaridade, pois pessoas de nível sócio-econômico médio, de alta escolaridade, também apagam os reflexivos, como é o caso das frases a seguir, proferidas por uma pessoa de nível superior: *Depois do que aconteceu, ele arrependeu cv. Eu não sei onde eu estava com a cabeça. Fui lá e queixei cv.*

No que concerne aos pronomes reflexivos, d'Albuquerque destaca uma perda maior nos verbos acidentalmente pronominais em comparação aos essencialmente pronominais¹, embora naqueles o valor semântico do reflexivo fosse maior do que nestes. Como hipótese explicativa, propõe que no português brasileiro é comum um objeto nulo receber interpretação a partir do contexto discursivo, como em construções do tipo *Ele aborreceu quando perdeu os óculos*. A queda dos clíticos neste caso segue o processo geral de omissão do objeto direto (1984:116).

Galves (1987, 2001) observou que o pronome *se* tem tendência a desaparecer nas construções finitas do PB em todas as suas funções (sujeito indeterminado, pronome apassivador e reflexivos), enquanto que reaparece maciçamente nas infinitivas para expressar indeterminação.

Nunes (1995) analisou o uso do *se* anafórico em um corpus formado de 13 entrevistas com informantes paulistanos e registrou 52% de supressão de clítico. Essa média não se distribui homogeneamente, pois a supressão do clítico está condicionada ao grau de escolaridade e ao tipo de clítico. No que concerne à escolaridade, a supressão do clítico tende a ser maior nos informantes de 1º. e 2º. graus:

Supressão de *se* por nível de escolaridade: entrevistas

¹ Segundo a autora, são “verbos essencialmente pronominais aqueles cujos pronomes oblíquos não funcionam como objetos, ou seja, não podem ser substituídos por um nome substantivo e (...) verbos acidentalmente pronominais aqueles cujos pronomes oblíquos funcionam como objetos, visto poderem ser substituídos por um nome substantivo” (1984:98).

1º. grau	2º. grau	3º. grau
65%	57%	32%

No que diz respeito ao tipo de clítico, observou-se altíssimo percentual de supressão de *se* ex-ergativo (75%), seguido de *se* ergativo (53%)². O clítico que menos sofre o processo de apagamento é o quase-inerente (zero ocorrências) e o inerente (14%), conforme mostram os dados da tabela a seguir:

Supressão de Clíticos por Tipo de Clítico: entrevistas (%)

	Reflexivo	Ergativo	Inerente	Ex-ergativo	Enfático	Quase-inerente
Entrevistas	36,0	53,0	14,0	75,0	50,0	–

No corpus escrito, extraído da revista *Veja*, verificou-se a supressão de três tipos de *se* anafórico: ergativo (35%), ex-ergativo (35%) e clíticos reflexivos (30%). A supressão dos clíticos mostrou-se condicionada pelo tipo de discurso, pois 61% da supressão de clíticos ocorreram no discurso direto. O autor observou também o fenômeno contrário. A inserção de clíticos anafóricos, um fenômeno também condicionado pelo tipo de discurso, aparece majoritariamente no discurso indireto (93%).

O menor percentual de apagamento do clítico anafórico no corpus escrito e o seu condicionamento por tipo de discurso, de um lado, e a inserção de clíticos no discurso indireto da escrita contemporânea formal são índices de avaliação positiva da presença do clítico anafórico na variedade paulista.

No que diz respeito à fala popular de São Paulo³ e de Taubaté⁴, observa-se o processo de neutralização da forma pronominal:

² O autor identificou 6 tipos de clítico anafórico *se*:

1. reflexivo: o clítico realiza o papel temático de argumento interno (exs.: *matar*, *explicar*, *levantar*, etc.)

2. ergativo: o clítico é o operador lexical que detematiza a posição de sujeito de verbos transitivos (exs.: *magoar*, *machucar*, *preocupar*, *curar*, *enganar*, *acabar*, *lembrar*, etc.)

3. ex-ergativo: designa o resultado de uma provável agentivização de construções com *se* ergativo (exs.: *esforçar*, *ocupar*, *casar*, *separar*, *prestar*, etc.)

4. inerente: clítico fossilizado. Trata-se dos verbos “essencialmente pronominais” (exs.: *suicidar-se*, *arrepender-se*, *esbaldar-se*, *dignar-se*, *atrever-se*, *queixar-se*, etc.)

5. quase-inerente: verbos como *portar-se*, *comportar-se* e *conduzir-se* que, na acepção de “agir”, apresentam a fusão lexical dos papéis de agente e de tema.

6. enfático: índice de espontaneidade (exs.: *aproveitar-se*, *utilizar-se*, *recusar-se*, *decidir-se*, *ir-se*, etc.)

³ Os dados do Português Popular foram extraídos da gravação de fala de uma informante nordestina que passou a residir em São Paulo.

6. P'que eu se dô com todo mundo aí né? (F, 35 anos, 4º. ano primário, proveniente de Alagoas – corpus do Projeto Português Popular: Favela São Remo)
7. oi na na época to falanu pu sinhor...queu era moçu... que era ra:tava si formanu im ra...im ah:: comu diz? im adutu (M, 65 anos, proveniente da zona rural de Taubaté – corpus do Projeto Filologia Bandeirante)
8. ma dipoi eu si conformei qui eu memu achei qui tava fazenu erradu... (M, 65 anos, proveniente da zona rural de Taubaté – corpus do Projeto Filologia Bandeirante)

Como se observa nos exemplos acima, na variedade paulista a neutralização do *se* pode ocorrer na 1ª. pessoa do singular de verbos simples ou compostos.

Resumindo: na zona mineira a supressão do clítico anafórico *se* ocorre independentemente da tipologia do clítico e na região paulista a sua supressão é acentuada nos contextos de *se* ergativo, ex-ergativo e enfático. Na variedade paulistana a presença do *se* é avaliada positivamente, ainda que a ausência do *se* não seja sentido como estigma. Por fim, na variedade popular registra-se a neutralização da marca de pessoa e número do pronome, tornando o *se* uma mera partícula reflexiva.

II. O clítico *se* em algumas variedades nordestinas: século XX

Dada a inexistência de trabalhos sobre os reflexivos nas variedades nordestinas, passamos a arrolar maior número de exemplos para uma análise descritiva:

⁴ Os dados extraídos do corpus Filologia Bandeirante pertencem a falantes que nasceram e residem no Vale do Paraíba. Trata-se de falantes idosos que moram na zona rural, mas, em alguns casos, trabalham na cidade de Taubaté. Já os dados de Fortaleza foram extraídos de Aragão, M.S. & Soares, M.E. (1996) *A linguagem falada em Fortaleza*, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Os da Paraíba são creditados a Demerval da Hora.

9. E sempre rodava o tambor do revólver só com uma bala, né? Mas ele quando rodou o tambor que apertou o dedo, aí se matou-se, a bala saiu. (Paraíba, M, 26 a 49 anos, analfabeto, p.51)
10. O caba [te-] é é pai contô um exemplo :: que: o camarada teve raiva do camarada :: aí se aperreô-se, né? (Paraíba, M, 26 a 49 anos, analfabeto, p.41)
11. Foru pra um um canto muito deserto pra uma ilha::, aí ele {inint.}, ela se [apo] a vó dele se apossou-se de um de um de outro neto dela pra fazer a mesma coisa que ele que ela fez com ele, sabe? (Paraíba, F, 26 a 49 anos, analfabeta, p.140)
12. ... quando chegou lá a mãe dele se agarrou-se com ele, começou a chorar... (Paraíba, F, 26 a 49 anos, analfabeta, p.151-2)
13. Entrou dentro de casa, saiu na cozinha, pulou o muro da outra casa vizinha, se danou-se pelo meio do mundo e os rapaze num pegaru. (Paraíba, M, +50 anos, analfabeto, p.79)
14. ...ele matou a mulher dele e o filho dele, na novela, ele ele só ficou com um filho pequeno, ele se revoltou-se ficou ficou quebrando os túmulo do do cemitério que ele era coveiro... (Paraíba, F, 26 a 49 anos, analfabeta, p.151)
15. Bem, Josiane teve um bucado duente. Teve uma uma vei qui se internou-se, mais era uma dor nas pernas... P. 185 (F, +50 anos, analfabeta/Paraíba)
16. Apitei no botão o o rapaz tava dormindo' se acordou-se veio me atender (Fortaleza, F, 42 anos, analfabeta, p.132)
17. porque ela num queria que ele se apaixonasse por ninguém e ele se apaixonou-se por ela. (Paraíba, F, 26 a 49 anos, analfabeta, p.140)

18. Se a filha não fosse beata' a filha tinha namorado' a filha tinha dançado' se acabou-se esse tempo' mamãe. (Paraíba, F, 42 anos, analfabeta, p.140)

Os dados acima apontam que a duplicação do “se” ocorre com verbo na 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e que cada reflexivo ocupa uma posição em relação ao verbo: *se acabou-se*.

A realização dupla do reflexivo pode estar associada à mudança na direção da cliticização no PB. Contrariamente às variedades lingüísticas do sudeste, a fala nordestina é marcada pela presença da ênclise, como se observa nos dados abaixo:

19. Aí foi que acabou-se o problema (Fortaleza, F, 42 anos, analfabeta, p.136)
20. E eu tô com seis meses que dou esse remédio a ele, acabou-se a bebida do homem (Fortaleza, F, 42 anos, analfabeta, p.138)
21. Levantou-se essa mulher aí em frente né aí entrou viu o ruje-ruje... (Fortaleza, F, 42 anos, analfabeta, p.150)

Note-se que nesses exemplos os verbos também aparecem na 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito. Além disso, integram a categoria de verbos inacusativos. É possível que no processo de mudança da direção da cliticização para a próclise no PB, alguns verbos – os inacusativos - tenham se articulado com os pronomes enclíticos.

Há de se salientar, entretanto, que também foi atestada a adjacência dos dois reflexivos em posição proclítica:

22. Então, isso aí, a gente se se acha numa situação muito difícil. (Paraíba, M. 26 a 49 anos, analfabeto, p.58)

23. Não, eu quero me casar com um homem assim, bonito, cheio do dinheiro, acaba a pessoa se se casando com um pobre feio, negro, do cabelo ruim. (Paraíba, F, 15 a 25 anos, analfabeta, p.99)

No caso das sentenças acima, a adjacência dos dois reflexivos pode ser uma marca de oralidade, em que ocorre a repetição. Já em (23, 24 e até em 33), o *se* proclítico é precedido do item *aí*, cujo uso discursivo parece ter o valor de fechamento de subtópico (Braga 2003). Esses dados sugerem uma leitura resultativa.

Nos exemplos com duplicação do reflexivo *se* parece ser possível fazer a leitura resultativa. Resultado: *ele se matou; ele se apaixonou; ele se acordou*. Surge a questão: qual a função de cada *se*? O fato de a “duplicação” ocorrer em um só tempo verbal parece ser indício de que o *se* proclítico tem traços do clítico ou de uma marca puramente reflexiva *self* e que o enclítico funciona como uma marca morfológica de aspecto. Desta maneira, “*se*” não pode ser considerado um elemento duplicador do reflexivo.

Um outro aspecto observado nos dados nordestinos é a neutralização do *se*, identificada seja na fala de informantes de Fortaleza seja na fala de informantes paraibanos. Em ambos os casos, a forma de 3^a. pessoa *se* é usada para a primeira pessoa do plural (*Nós se mudamos*), bem como na 2^a. pessoa do singular (*Tu se lembras*):

24. então a mamãe com medo, aí nós se mudamos daqui (Fortaleza, F, 39 anos, 2^o. grau, p.84)

25. E até hoje nós somo assim que nem gato atrás do rato, num se damo bem. (Paraíba, M, +50 anos, analfabeto, p.73)

26. Eu conheci minha esposa numa brincadeira de carnaval. Aí começamos se namorar, lá vai, passamo muito tempos namorando. (Paraíba, M, +50 anos, analfabeto, p.87)

III. A duplicação pronominal nas variedades nordestinas do PB

Centrando nossa atenção em posições sintáticas, observamos que as duas variedades nordestinas em análise apresentam duplicação pronominal seja na função de objeto direto seja na função oblíqua:

27. Minha mãe me criou-me, papai me deixou mamãe, eu estava com quatro ano. Aí mamãe me criou-me no cabo da enxada. (Paraíba, F, +50anos, analfabeta, p.175)
28. Ah, o meu relacionamento com meu filho eu eu [go] eu só gosto mais de educar. Não deixa-lo ele correr na rua, não se juntar com amigo... (Paraíba, M, 26 a 49 anos, analfabeto, p.53)
29. ...se arruma alguma mulher fora chega em casa me xingando, dizendo o que fez e o que não fez, fica me debochando de mim, dizendo que eu sou feia... (Paraíba, F, 26 a 49 anos, analfabeta, p.132)
30. Aí eu queria que [...] me amasse de verdade, [...], que me desse satisfação em casa a mim... (Paraíba, F, 26 a 49 anos, analfabeta, p.133)
31. Aonde eu moro se alguém tem raiva de mim nunca me chegou a mim pra dizer (Fortaleza, F, 42 anos, analfabeta, p.137)
32. O Antonio Arroz deu-lhe um chute nele. (Fortaleza, F, 42 anos, analfabeta, p.131)

À exceção da frase (25), nos exemplos arrolados verifica-se a presença de um clítico em posição proclítica e um clítico em posição de ênclise (24) ou um pronome precedido ou não de preposição após o verbo (25-29). Em outras palavras, a mudança na direção de cliticização também se observa nessas duas variedades de fala nordestina, com a cliticização feita da esquerda para a direita. Entretanto, resquícios da antiga direção – da direita para a esquerda – são observados nas frases (24) e (25).

No que se refere especificamente à frase (25), tem-se o uso do clítico acusativo de 3ª. pessoa por um falante analfabeto. Observe-se, porém, que o clítico apresenta o *onset* silábico.

O que os dados sugerem é que a retomada do clítico pode ser feita por um pronome forte, mas há a possibilidade de o clítico ser retomado por uma forma também clítica. Essa tendência a duplicar clíticos se observa no campo dos reflexivos:

33. ...mas foi um governo que se preocupou muito com ele, num/ com as coisas que ele criou aí ele se aproveitou muito pra ele né (Fortaleza, M, 40 anos, 1º. grau, p.157)

No exemplo acima, o reflexivo é duplicado pelo pronome tônico precedido de preposição *pra ele*.

É provável que esse tipo de duplicação esteja associado ao fenômeno mais geral do sujeito duplo e da duplicação de pronomes na posição de sujeito, como vários trabalhos têm atestado (Braga 1987; Duarte 1995, 1998, 2000; Kato 1999, entre outros):

34. A Clarinha ela cozinha que é uma maravilha. (Duarte 2000)

35. Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença. (Duarte 2000)

Tem-se assumido que o NP ocupa posição estrutural fora da sentença e o pronome ocupa posição de sujeito. Além do sujeito duplo na forma NP+pronome, o PB apresenta a duplicação de pronome na posição de sujeito:

36. Eu, ô adoro isso. (Kato, 1999)

37. Você, cê é meu amigo. (Kato, 2000)

38. Ele, ele é meu amigo. (Kato, 2000)

Adotando a proposta da existência de pronomes fortes e fracos (Cardinaletti & Starke 1994), Kato (2000) considera que o pronome na posição externa à sentença pertence à série de pronomes fortes e o que se encontra na sentença, precedendo o verbo, pertence à série de pronomes fracos. O aparecimento da série fraca está associado ao enfraquecimento da morfologia verbal, hipótese que tem sido defendida pelos gerativistas. Dentro do quadro de Princípios e Parâmetros, a série pronominal fraca teria a função, portanto, de substituir os morfemas número-pessoais da flexão verbal.

Nos dados em exame, a duplicação ocorre com outras posições sintáticas, o que pode ser indício de que a duplicação é um fenômeno mais geral na língua, conforme analisa Moraes Castilho (2005) para o português arcaico.

4. Considerações finais

O apagamento do “se” é amplamente favorecido em Minas Gerais, com qualquer tipo de verbo. Nas demais áreas, o apagamento se dá majoritariamente com verbos ergativos e ex-ergativos (Nunes 1995). Curiosamente, alguns desses verbos apresentam variação no uso do reflexivo também no italiano. Veja-se: *ho ricordato X mi sono ricordato* (lembrar-se); *ho dimenticato X mi sono dimenticato* (esquecer-se); *ho sbagliato X mi sono sbagliato* (enganar-se); *ho sposato X mi sono sposato* (casar-se), etc.

Um outro aspecto a ser levantado no italiano é o uso do “se” como parte da expressão lexical do verbo: *svignarsela* (dar no pé); *cavarsela* (sair-se bem); *fregarsene* (não se importar)⁵. Estes casos nos remetem aos seguintes verbos que apresentam um “se” lexicalizado no PB: *ele se deu bem*; *ele se saiu bem*, *ele não se tocou*, *ele não sabe se virar*, *ele se mandou*, *ele é que se dane!*; *ele não se dá com a mulher*; etc. De acordo com D’Albuquerque, os mineiros também tendem a realizar foneticamente o “se” desses verbos.

Quanto à duplicação do reflexivo e à sua neutralização, pode-se pensar num processo de gramaticalização em curso, em que não se verifica perda de substância fônica. Há, porém, que se investigar se ao passar a afixo, esse elemento perde ou ganha novo conteúdo semântico. Neste trabalho, levantamos a hipótese de que o “se” proclítico,

⁵ Nesses casos, tem-se todo o paradigma dos reflexivos: *me ne frego*, *te ne fregghi*, *se ne frega*, *ce ne freghiamo*, *ve ne fregate*, *se ne fregano*.

seguindo a posição dos clíticos no PB, tem estatuto de reflexivo; o “se” enclítico tem natureza de afixo com marcação aspectual, uma vez que ocorre apenas na 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito. Isso nos remete aos dados de aquisição da linguagem, em que a criança tende a usar formas verbais na 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito não como marcação temporal, mas aspectual: *cabô, caiu*, etc.

Entendemos que a primeira série pode ser interpretada no âmbito dos estudos de gramaticalização, entendido como o processo pelo qual um item lexical ganha o estatuto de gramatical. Nesse processo, tanto pode ocorrer a perda do conteúdo semântico como da substância fônica de um item lexical. Essa passagem deveria, segundo Hopper e Traugott (1991), obedecer às seguintes etapas:

Item com significado lexical > item gramatical > clítico > afixo

O estágio final é marcado pelo morfema nulo, resultado do apagamento do afixo. Nesse trabalho estudamos o comportamento do clítico anafórico *se*, um elemento que se acha, portanto, na posição à direita da escala acima esboçada. Pela sua posição, a última fase do processo de gramaticalização desse item deveria ser a forma de afixo e o seu apagamento. O apagamento é observado em Minas Gerais e a forma de afixo parece estar presente na variedade nordestina que apresenta o *se* duplo.

Outro aspecto interessante acerca do uso reflexivo dos pronomes oblíquos no PB foi apontado por Castilho (1997). Ao tratar dos processos de gramaticalização pelos quais podem passar os pronomes, o autor nos chama a atenção para o fato de o reflexivo *se* possuir uma tendência a generalizar-se para todas as pessoas, principalmente na modalidade não padrão da língua como em “eu se lembro, você se lembra, ele se lembra” (CASTILHO, 1997:37). O autor atenta que o estágio sucessivo à perda da representação morfológica da categoria pessoa do reflexivo pode ser o da cliticização e incorporação do reflexivo ao verbo, como se observa no francês não-padrão: *je sarrête, nous se reverrons, vous se privez*.

Ficam as questões que envolvem pesquisa histórica. Qual a origem do apagamento do reflexivo nas variedades da zona sudeste? Como se explica a neutralização do reflexivo

em São Paulo? Enfim, como se explicam esses fenômenos na variedade paulista se as línguas românicas dos imigrantes (português, espanhol e italiano ou seus dialetos) exibem o reflexivo *se*? Seriam esses fenômenos decorrentes da influência da variedade nordestina no falar paulista?

Para início de reflexão, observamos que o uso do “se” neutralizado em termos de pessoa também se observa nos dados do português moçambicano. As frases a seguir mostram a neutralização do “se” na 1ª.pessoa do plural:

39. **Nós** dão-**se** bem mas não sempre (MF20YAI)

40. **Nós** éramos obrigados a alimentar-**se** de pão com peixe frito (MF1ANA)

Sabe-se que falantes de línguas do grupo banto (grupo a que pertencem os moçambicanos) fizeram parte de grandes levas de africanos trazidos como escravos. Pode ser que a neutralização do reflexivo esteja associado às línguas de base desses falantes. Convém, entretanto, observar que o francês também apresenta a neutralização com alguns verbos, o que pode ser indício de um processo comum às línguas românicas..

Enfim, em linhas gerais pode-se pensar na tendência ao apagamento do “se” na região sudeste liderada por Minas Gerais e a sua conservação e extensão na região nordeste. Mineiros e nordestinos formam uma forte camada de imigrantes em São Paulo, que acolhe, portanto, tendências diversas. Além disso, há os imigrantes de línguas românicas, como o português, italiano e espanhol que preservam os reflexivos.

Nesse sentido, urge fazer um estudo mais abrangente dos reflexivos em São Paulo, a partir de um quadro mais geral dos reflexivos no Brasil, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento de uma teoria lingüística que envolve a questão do contato lingüístico.

Referencias bibliográficas

ALMEIDA, Lúcia Quentel Novaes. (1964) *Os reflexivos em Português*. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade de Brasília.

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de et SOARES, Maria Elias (Org.) (1996). *A linguagem falada em Fortaleza – Diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- BRAGA, M.L. (1987) Esta dupla manifestação do sujeito, ela é condicionada linguisticamente. 34º. Seminário do GEL, Campinas, p.106-15.
- ____ (2003) E aí se passaram 19 anos. Em M.C.Paiva & M.E. Duarte (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*, Rio de Janeiro: Faperj.
- CARDINALETTI, Anna & STARKE, Michal (1999) The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns. In: Riemsdijk, Henk van (ed.) *Clitics in the Languages of Europe*, Berlin, New York: de Gruyter (= Eurotyp 20-5), 145-223.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1997): A Gramaticalização. In: *Estudos Lingüísticos e Literários* 19, 25-64.
- d'ALBUQUERQUE, Alair da Cruz Reis Cavalcanti. (1984) A perda dos clíticos num dialeto mineiro. In *Tempo Brasileiro*, 78/79.
- DUARTE, M. E. (1995) A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp.
- ____ (1998) Left-dislocation Subjects and Parametric Change in Brazilian Portuguese. *Proceedings of the 16th International Congress of Linguistics*.
- ____ (2000) The loss of the avoid pronoun principle in Brazilian Portuguese. Em: M.Kato & E. Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the null subject*. Frankfurt am Main: Vervuert, pp.17-36.
- GALVES, Charlotte. A sintaxe do português brasileiro. In *Ensaio de Lingüística*, vol.13, pp.31-49, 1987.
- ____ *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. (1991) On some principles of grammaticalization. Em Traugott, E. & Heine, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*, vol.I. Amsterdam: John Benjamins, p.17-35.
- KATO, Mary (1999) Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *PROBUS* 11: 1-37.
- ____ (2000) The partial Prod-Drop Nature and the Restricted VS Order in Brazilian Portuguese. Em M.Kato & E.Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null subject Parameter*, Frankfurt am Main: Vervuert.
- MORAES CASTILHO, M. Célia (2005) *O processo de redobramento sintático no português brasileiro*. Tese de doutorado, Unicamp.
- NUNES (1993) Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. Em: I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*, Campinas: Ed. da Unicamp, pp. 207-222.
- ____ (1995) Ainda o famigerado se. *D.E.L.T.A.*, 11: 201-240.